

SCHOENBERG, APOTEOSE DO ROMANTISMO

(Folha de São Paulo, domingo, 27 de setembro de 1987 - Ilustrada
- 5º caderno - p. A-5)

Marcos Câmara de Castro

Especial para a Folha

APOTEOSE DE SCHOENBERG, de Florivaldo Menezes Filho.
Nova Stella/Edusp, 286 págs. Cz\$ 426,00

Muito se tem escrito e debatido, ao longo dos séculos, sobre a questão da consonância e dissonância, em música. Por trás desta discussão está sempre em jogo o conceito de harmonia - que seria a arte de "bem" combinar os sons, segundo as regras de bom gosto vigentes nas diferentes épocas.

A partir do período barroco (século 18), coincidindo com o surgimento da ópera, a música passou a organizar-se segundo um sistema de escalas que sempre privilegiam uma única nota (tônica) como centro de gravidade de uma composição em redor da qual orbitam todas as outras. Este sistema chama-se tonalismo. Em fins do século 19 e início deste, o tonalismo atingiu o seu ponto de exaustão pois a possibilidade de se trocar de tônica numa mesma música (modulação) passou a ser um fato corriqueiro, principalmente a partir das obras de Liszt, Wagner, Mahler e do Strauss alemão.

Iniciou-se então uma nova polêmica sobre a relatividade dos conceitos de dissonância e consonância e, conseqüentemente, o de harmonia. A quantidade de textos hoje em dia sobre o assunto ultrapassa a razoabilidade.

Os textos transitam entre uma suposta objetividade científica - lançando mão de terminologias emprestadas da Semiótica, Acústica, Filosofia, Psicologia até apelos revolucionários, de índole marxista, condenando as diluições burguesas da música e dando vivas à vanguarda "revolucionária".

Presunção e coragem

No Brasil, o exemplo pioneiro desse gênero literário foi, sem dúvida o livro de Willy Corrêa: "Beethoven - Proprietário de um cérebro" (Perspectiva, 1979). Agora, a recentemente lançada "Apoteose" de Florivaldo vem incrementar a prateleira nacional. Trata-se de um resumo de todo o material teórico sobre as questões da Harmonia e da estruturação musical, desde Schoenberg, passando por Boulez, Cage, Costère, Eimert, Leibowitz até Pousseur. Menezes confessa "com presunção e coragem", sua intenção de acrescentar às contribuições deste último um caráter "mais partidário".

Da mesma maneira que o "Tratado de Harmonia" de Schoenberg se reporta ao "Tratado de Harmonia" (1722) de Rameau, o ensaio de Menezes, "Apoteose de Schoenberg", faz clara referência ao "Apoteose de Rameau" (1968), de Pousseur. O autor parte do princípio de que "escutar é ouvir direções" e inicia por analisar obras de Lasso, Schubert, Brahms e Mahler, no intuito de descrever a saturação da tonalidade

mas frisando que tal situação não exclui “a necessidade de um discurso harmônico direcional”, ainda que não tonal.

Através da interpretação dos procedimentos da “vertente Wagner-Liszt”, chega à conclusão de que é necessária a retomada da “substancialidade dos discursos harmônicos”. Para o autor, “seria difícil imaginarmos uma música que não tivesse um ou mais centros harmônicos”.

“Diluição burguesa”

Menezes lança farpas contra o minimalismo: deveria chamar-se “nadismo”, pois “prescinde da direcionalidade harmônica” e não poupa também a MPB: diluição burguesa da verdadeira música popular, folclórica.

Em meio às análises fonológicas e semióticas do *Sprechgesang* (canto falado) de Schoenberg¹ vaticina o que se chama ser o “papel político” vital da arte: propor a possibilidade da mudança nos meios de expressão arbitrarizados pela vivência rotineira”.

Surge então o grande questionamento da composição musical: “Como tramar a organicidade ou unidade de um todo tão diverso?”. Pousseur vem em seu socorro: “A teoria agirá como meio de investigação, que ajudará os músicos a reconhecer as condições necessárias para a informação”.

¹ Usado por Schoenberg em *Pierrot Lunaire*, possivelmente visando uma aproximação com a tradição do cabaré vienense.

Menezes reclama do "desestímulo generalizado", do "mediocre desinteresse" e da "indiferença sistemática de que é vítima a vanguarda (em especial no Brasil) e o conseqüente isolamento do artista". Isso, no entanto, não o desanima pois "não se deve temer quando se acredita em suas próprias idéias e propósitos", lembrando-nos do "profeta Trotsky" (sic).

Reconhece que o termo "vanguarda" tornou-se desgastado mas o simples fato de apontar perspectivas, segundo ele, já é em si um ato revolucionário - contanto que não se abra mão do historicismo, condição essencial para que o ato revolucionário seja politizado.

A perspectiva revolucionária que Menezes acredita ter apontado no livro é a de "escancarar portas para que elas não mais se fechem". Como se pode perceber ao longo da "Apoteose de Schoenberg", o mito do gênio incompreendido - criado pelos românticos - está mais vivo do que nunca na mente de Florivaldo. Para ele, fazer música ainda é um "ato revolucionário" e escutar é "ouvir direções".

O Que Ocorreu Com A Música No Século 20

A música, no século 20, dividiu-se basicamente em duas correntes: a francesa e a germânica. A primeira tem Debussy (1862-1918) como seu fundador, e seus principais compositores - além do autor do "Prélude à l'après-midi d'un faune" - são: Ravel (1875-1937), Stravinsky (1882-1971), Villa-Lobos (1887-1959), Lutoslawski (1913-1994) e, num certo sentido, Bártok (1883-1945).

Beirando limites

Segundo o crítico alemão Stuckenschmidt, "a música de Schoenberg leva às últimas conseqüências os métodos de composição vindos da tradição musical alemã, enquanto que Stravinsky - tendo assimilado os mais finos requintes do impressionismo francês, leva-os também às suas últimas conseqüências".

Esses dois compositores, portanto, encarnariam uma antinomia que polariza a música moderna, desde o princípio do século e as divergências entre essas duas tendências podem ser avaliadas através das declarações dos próprios compositores. Schoenberg preocupou-se durante toda a sua vida com o problema da harmonia (estudo das funções dos acordes concatenados) e o destino desta. Escreveu dois importantes livros a esse respeito que são o "Tratado de Harmonia" (1912) e "As funções estruturais da harmonia", de 1934 (nenhum com tradução para o português). Nesses trabalhos o autor deixa claro que a História da Música, no seu modo de ver, era a própria História da Harmonia e sua evolução: "As batalhas sobre as dissonâncias formam o tecido da história da música".

Novas abordagens

Por outro lado, Stravinsky dizia: "a harmonia, como meio de construção musical, não oferece mais qualquer recurso que se possa sondar e explorar com proveito. Ritmo, polifonia rítmica, construção melódica ou estruturas de intervalos são elementos de arquitetura sonora que exploramos hoje".

Antes, porém, o próprio Debussy já havia se indisposto diante da regras harmônicas de utilização dos acordes: "para

mim a única regra é o meu bom gosto". Na opinião de Ravel, "o pessoal de Schoenberg é ao mesmo tempo romântico e severo. São românticos porque querem sempre quebrar velhas regras, e severos pelas novas leis que se impõem". Dizia ainda: "tenho menos medo, em música, do elemento charme, por ele (Schoenberg) evitado até o ascetismo, até o martírio". A obsessão dos germânicos pelos desdobramentos históricos da harmonia impedeos de compreender com profundidade um "Bolero" (1923) de Ravel, por exemplo, cuja única modulação (transformação harmônica) só ocorre a poucos compassos antes do final.

Duas tendências

Esses dois pensamentos antagônicos geraram, naturalmente, obras muito diferentes, desde o modo de pensar a música até o resultado final das peças. De um lado temos o *Pierrot lunaire* (1912) de Schoenberg; a ópera *Wozzeck* (1921) de Berg ou as *Cinco peças para orquestra* opus 10 de Webern (1913). Do outro lado há *La mer* (1905) de Debussy; *La valse* (1920) de Ravel; a *Sagração da primavera* (1913) de Stravinsky; os *Choros 10* de Villa-Lobos; a *Sonata para dois pianos e percussão* (1937) de Bártok ou o *Livro para orquestra* (1968), de Lutoslawski.

O problema da música contemporânea parece ter sido o da capacidade do compositor em libertar-se das amarras clássico-românticas da harmonia (com suas intermináveis modulações) e vislumbrar novas abordagens da música.